

A BATALHA

QUINTA FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PRÉCIO 30 CENTAVOS - ANO VII - N.º 2138

1918-1925

Rememorando a greve geral de Novembro

A questão social não se resolve pacificamente nos parlamentos. É uma questão que será liquidada violentemente nas ruas, em sangrentos combates. Estas afirmações não são nossas, pertencem ao velho Liebknecht que as proferiu numa hora de sinceridade, desmentindo tóda a sua vida de socialista eminentemente parlamentar e burguesa.

As passos que os políticos socialistas de qualquer país só têm conseguido como heróis máximos indivíduos que pretendem derrubar a sociedade com palavras cômmodamente proferidas nos parlamentos e como actos de máxima coragem as votações eleitorais, os sindicalistas revolucionários têm-se batido nas ruas com nobre e corajoso sacrifício das suas vidas, contra as explorações e atrocidades. E nessas lutas não tem havido vitória que os faça adormecer sobre os seus louros nem derrota que lhes tenha quebrantado as energias.

A história do proletariado português não tem páginas de lama, tem páginas de sangue.

As derrotas enobrecem-na tanto quanto as suas vitórias, pois quer nos desaires quer nos triunfos tem sabido mostrar-se sempre superior aos seus inimigos. Quando da célebre bomba do cortejo camoneano, Afonso Costa proclamou com tão orgulho e repente arrogância que o sindicalismo tinha morrido na calçada do Carmo.

Os factos desmentiram-no. O sindicalismo transitóriamente enfraquecido devido a uma repressão estúpida, renascia mais tarde e surgiu mais robustecido. Veio depois o sidonismo, com o seu cortejo de horrores e de crimes.

Era o tempo em que a vida subia velocemente e as especulações dos assambadores tornavam precária e angustiosa a existência do proletariado. Foi uma época de grande miséria e de grande servidão.

A greve geral de Novembro que tivera uma longa preparação e uma larga propaganda fracassou mercê de diversas e importantes circunstâncias, entre as quais devemos salientar o armistício que pôs fim à guerra e a epidemia da pneumónica que dizimou uma boa parte da população. A derrota da greve geral de Novembro deveu-se também às duas correntes desfavoráveis que se criaram: a do armistício que fez nascer nos cérebros mais simplistas a ideia que com a terminação da guerra a vida ia baixar. Deu-se exactamente o contrário: a vida continuou subindo e os assambamentos de gêneros substiriam. A outra corrente foi de desânimo, o grande desânimo que a pneumónica pelo elevado número de vítimas que fez causou na população, estabelecendo um terror que justificadamente se generalizou.

Contudo, nessa luta vencida houve episódios que revelaram bem que o sindicalismo era uma ideia enraizada no cérebro e no coração dos trabalhadores. A derrota foi grande mas não foi vergonhosa. Perdeu-se o combate, mas sobre os combatentes não pôde lançar-se o laço de cobardes. Felizmente! Acabaram-se os debates longos e enervantes. E' no meio do maior silêncio que o presidente Flory lhe aos júris das delegações respondeu perguntas sobre as quais devem deliberar.

A deliberação leva duas horas. Por fim, quando o júri volta à sala, o presidente faz saber que os júridos responderam afirmativamente a todas as perguntas, tendo no entanto admitido circunstâncias atenuantes.

A decisão foi a seguinte:

"Considerando que os srs. Daudet e Delest são culpados de difamação de injúrias, são condenados: o sr. Delest a dois meses de prisão e 500 francos de multa; o sr. Daudet a cinco meses de prisão e 1.500 francos de multa."

"São, além disso, ambos condenados às custas do processo e o sr. Bajot receberá 25.000 francos de perdas e danos."

E' meia noite e trinta.

Cá fora ouvem-se alguns gritos isolados: "Viva Daudet! Viva o rei!"

Daudet foi condenado a 5 meses de prisão e 1.500 francos de multa

Ej-nos chegado à 17.ª e última audiência desse enorme processo.

A sala estava à cunha desde as 10 horas e 30 minutos e a assistência era composta na sua maior parte de senhoras da mais elegante sociedade.

À hora marcada o advogado Vallat faz uso da palavra para começar a defesa de Delest, gerente da Action Française, que também é inculpado com Daudet.

Com uma eloquente manifesta, o orador refere-se mais uma vez à história dos últimos dias do jovem Filipe.

Acentua os pontos estranhos que existem na explicação dos últimos actos do rapaz e acha-lhes algumas contradições.

O advogado Vallat está persuadido de que a emboscada preparada ao jovem Daudet, em casa de Le Flauter, não foi dirigida para um anarquista qualquer, mas com tóda a certeza para o filho de Leão Daudet, deputado por Paris.

Por outro lado o advogado de defesa diz estar convencido de que se o rapaz não foi dirigida aos meios libertários fôr para aí fazer contra-espionagem monárquica.

Segue-se no uso da palavra o advogado Marie de Roux que se dá ao trabalho de lembrar mais uma vez e com tóda a minúcia todos os factos sobre os quais se discutiu durante desses audiências.

Este advogado, baseando-se numa pequena contradição entre o primeiro depoimento de Bajot, no comissariado, e o que foi feito ulteriormente, quer demonstrar que isso é um indicio de falso testemunho.

- Se Bajot - exclama - nega ter feito uma coisa que antes pretendia ter efectuado, é porque é uma falsa testemunha!

Examinando, por sua vez, as circunstâncias do drama, o advogado de Roux demonstra a impossibilidade do suicídio. Filipe Daudet foi assassinado. Assassino por quem? Pelos polícias, quando se deu a emboscada em casa de Le Flauter.

Depois de ter falado durante hora e meia, o advogado de Roux termina a sua defesa pedindo aos júridos, em nome dos seus filhos, para que digam que Leão Daudet teve razão em perseguir durante dois anos os assassinos de seu filho.

As declarações de Daudet

Leão Daudet começa em seguida por dizer:

- Ao ouvir os discursos que aqui foram pronunciados, puz-me a pensar na minha juventude, no tempo em que eu era para meu pai o que Filipe era para mim.

«Esqueci o meu papel literário e filosófico. São coisas que nenhum importância têm quando se chega ao ponto a que eu chegou, depois de ter dispêndido todas as energias da minha vida...»

Daudet continua assim, com a sua prosa um tanto quanto piegas, falando do pai, da família, até que por fim se cansou e afimou não mais ter a dizer.

Felizmente! Acabaram-se os debates longos e enervantes. E' no meio do maior silêncio que o presidente Flory lhe aos júris das delegações respondeu perguntas sobre as quais devem deliberar.

A deliberação leva duas horas. Por fim, quando o júri volta à sala, o presidente faz saber que os júridos responderam afirmativamente a todas as perguntas, tendo no entanto admitido circunstâncias atenuantes.

A decisão foi a seguinte:

"Considerando que os srs. Daudet e Delest são culpados de difamação de injúrias, são condenados: o sr. Delest a dois meses de prisão e 500 francos de multa; o sr. Daudet a cinco meses de prisão e 1.500 francos de multa."

"São, além disso, ambos condenados às custas do processo e o sr. Bajot receberá 25.000 francos de perdas e danos."

E' meia noite e trinta.

Cá fora ouvem-se alguns gritos isolados:

"Viva Daudet! Viva o rei!"

Os processos das criaturas presas há seis meses só ontem foram enviados ao tribunal da Boa Hora

A Inspeção Superior das Polícias enviou ontem - só anteontem! - para o tribunal da Boa Hora os processos referentes aos presos sem culpa formada.

Mas os presos não foram enviados a tribunal porque a polícia, sobrepondo-se mais uma vez às leis vigentes, não o quis. Concentrou todos os presos em duas esquadras, transportando-os na «camionete» do governo civil para dar a impressão de que se tratava de gente muito perigosa.

Segundo noticiava ontem um jornal da tarde, a polícia, julgando que os presos iam ser restituídos à liberdade, fez ameaças - como se a polícia tivesse competência para sobrepor-se às decisões da justiça.

Continua-se a dar à polícia uma força que ela não tem. A justiça, se fosse servida por gente de brio, há muito que devia ter-se colocado no seu lugar, não consentindo que a polícia se permitisse intrometer-se nas suas atribuições.

E' o seguinte: o movimento de presos: José Maria da Cruz, José Filipe e João dos Santos, que se encontravam na esquadra das Móveis, estão agora na do Caminho Novo; António Pereira ficou na da Boa Vista; José Augusto Amaro Júnior, que estava no Vale de Santo Antônio, passou para a do Caminho Novo; José Abrantes Castanheira e Manuel Simões Miranda também se encontram no Caminho Novo.

O tribunal da Boa Hora deve, o mais depressa possível, pronunciar os presos que o tenham de ser e mandar pôr em liberdade os que não tiverem no processo matéria de pronúncia.

Há seis meses que os presos esperam esta medida que se deve tomar no prazo máximo de oito dias!

Viagem ao Polo Norte

OSLO, 19. - Uma missão franco-norueguesa tentará na próxima primavera atingir o Polo Norte.

As primeiras impressões sobre o Manicómio Miguel Bombarda

O Manicómio Miguel Bombarda, o único hospital de alienados de Lisboa, é uma dependência da Faculdade de Medicina. Fundado em 1850 serve actualmente de internato de alienados e de aula, onde um lente da cadeira de psiquiatria, que é simultaneamente director do Manicómio, dá as suas lições.

Em exercício há 75 anos sem ter sofrido as reparações necessárias, o pardiço da rua da Cruz da Carreira é o mais sórdido dos três estabelecimentos hospitalares visitados pelos redactores da *Batalha*.

Em algumas dependências é tão desolador o estado de conservação que chega a ser um perigo para os pobres internados a sua permanência ali. Se ámamos a consumar um desmoronamento, não estranharemos o facto, pois ele hoje é já iminente.

As impressões que trouxemos do Manicómio são desagradabilíssimas. Elas serão postas com os seus reais cambiantes, sem artificio de linguagem, nem laivos de literatura. A situação miserável do estabelecimento que os leitores vão tomar conhecimento é bastante penosa. Não sabemos mesmo se ela encontrará profaxila, uma vez que o novo Manicómio Miguel Bombarda, em construção no Campo Grande, é uma doce esperança para muitos, mas uma grave desilusão para outros. O novo edifício não passa dum agradável teoria, mas apenas uma teoria que não resolve a grave situação que estamos focando. Por isso é legítima a nossa campanha em favor deste estabelecimento, como legitima foi a reportagem dos hospitais de São José e do Rego.

Não é da situação calamitosa em que encontramo-nos as dependências daquele hospital que hoje nos vamos ocupar. A reportagem referente a essa anomalia constará dos subsequentes artigos, destinando o de agora a as incongruências do regulamento daquele hospital.

O pessoal do Manicómio Miguel Bombarda é insuficiente para a população hospitalar de 500 doentes, prescrita pelo Regulamento de 11 de Maio de 1911. Com o número de 980, que é quantos doentes possuem aquele estabelecimento, o pessoal só com grande sacrifício pode vencer a dureza do serviço. Mas vejamos descriptivamente como se compõe o pessoal do Manicómio: director: dr. sr. Sobral Cid; três assistentes da Faculdade de Medicina, drs. srs. António da Lacerda, Fernando Ilharco e João Alvim; médico-clínico, Cae-tano Beirão.

Pessoal do Manicómio Miguel Bombarda é insuficiente para a população hospitalar de 500 doentes, prescrita pelo Regulamento de 11 de Maio de 1911. Com o número de 980, que é quantos doentes possuem aquele estabelecimento, o pessoal só com grande sacrifício pode vencer a dureza do serviço. Mas vejamos descriptivamente como se compõe o pessoal do Manicómio: director: dr. sr. Sobral Cid; três assistentes da Faculdade de Medicina, drs. srs. António da Lacerda, Fernando Ilharco e João Alvim; médico-clínico, Cae-tano Beirão.

Havemos de convir que sendo o regulamento atropelado na clausula referente à admissão de doentes que atingem o número de 980, como já dissemos, seriam precisos, de harmonia com esse aumento, 10 médicos e 163 guardas, insuficientes ainda para as exigências do serviço.

Que julga o leitor que sucede no Manicómio Miguel Bombarda? Apesar desta estupenda coisa, A' medida que vai havendo vagas do pessoal, afastado por doença ou por morte, o número de empregados cresce, porque uma lei travão não permite o preenchimento das vacatas. Por esta brutal decisão, que merecerá igualmente o nosso exame, se condona a um regime de trabalho extenuante o pobre empregado que chega a fazer um turno de 34 horas seguidas, sem outro descanso que não seja o produzido pelo ruído dos alienados...

Há mais. Nos momentos de alucinação alguns dos pobres loucos vão descarregar as iras nos companheiros ou no próprio empregado. Havendo grupos de 100 doentes vigiados apenas por um homem (quando se devia estabelecer a proporção de 1 guarda para 6 enfermos), sucede que o empregado várias vezes é vítima de agressões que só uma grande destreza pode evitar que sejam graves.

Nas suas linhas gerais é este o quadro doloroso do pessoal hospitalar do Manicómio Miguel Bombarda, que muito reservadamente nos foi revelado por alguns empregados na visita que ali fizemos há dias. Junto a ele o ambiente contante que se vive naquele inferno resulta para nós a convicção de que a reportagem que amanhã principiamos do Manicómio, vai produzir uma sensação mais violenta do que aquela que esmaltámos nas nossas colunas, sobre estabelecimentos congêneres.

A revolta da Síria

O que disse o novo alto comissário

PARIS, 19. - O sr. De Jouvenel, novo alto comissário na Síria, declarou aos jornalistas que considera o seu trabalho não como colonização, mas sim como colaboração da França com os sírios.

Sobretudo, os franceses têm de assegurar a paz que acarretará a livre prosperidade.

As justificações do general Sarrail

PARIS, 19. - O sr. Briand recebeu o general Sarrail, com o qual conferiu sobre os acontecimentos da Síria.

O ex-alto comissário foi ainda ouvido pelas comissões dos negócios estrangeiros e da guerra, da câmara dos deputados, expondo pormenorizadamente as operações necessárias para reprimir a revolta dos drusos.

O general explicou especialmente o ligeiro bombardeamento de Damasco o qual teve por objectivo deter a revolta, tendo conseguido impedir que os tumultos se tornassem dramáticos.

Como se faz a pacificação

PARIS, 19. - Em certos círculos afirma-se que, tendo-se agravado a situação na Síria, o governador, general Gamelin, pediu o envio de reforços cujos efectivos se elevam a 50.000 homens.

Um novo documento do processo Sacco e Vanzetti vai discutir-se este mês

Durante o mês corrente será discutido pelo Supremo Tribunal de Massachusetts, um documento elaborado pelo comité de defesa de Sacco e Vanzetti, para que lhes seja instaurado um novo processo.

Apesar de já se ter gasto mais de 300.000 dólares com este célebre processo, são necessários ainda mais fundos para se continuarmos com a defesa destas duas vítimas das perseguições capitalistas.

As contas publicadas pelo comité de defesa revelam que homens e mulheres de todos os partidos do globo contribuíram generosamente para que este comité pudesse exercer condignamente a sua acção.

Nas suas declarações de agradecimento e gratidão, que se seguem às contas, Sacco e Vanzetti afirmam: «O nosso apreço por tudo o que se fez e que actualmente se faz pela nossa defesa não pode ser convenientemente expresso; nós sentimos e vivemos este reconhecimento. E juramos que nos tornaremos sempre dignos do que nos têm feito. Eis tudo. Conseguirão a vossa solidariedade arrancar-nos das mãos do carrasco? Restituí-nos hás áqueles que amamos? Voltaremos para o sol, para o vento, para a vida e para a luta? Ignoram-lo. Mas sabemos que, se voltarmos, não seremos covardes, não seremos covardes, e se perecermos na cadeira eléctrica, a nossa gratidão só desaparecerá com o nosso último suspiro.»

Todos aqueles que desejem auxiliar a

VANZETTI devem enviar o seu auxílio ao Comité de Defesa Sacco-Vanzetti, P. O. Box 93, Hanover Street Station, Boston, Mass.

Notas & Comentários

Zangaram-se as comadres

Recebemos a seguinte nota:

«Entre a fração esquerda democrática e a esquerda social chegou a estabelecer-se

O EPILOGO DUM PLEITO

**Ao fim duma luta de 21 anos
os sócios auxiliares
da "Voz do Operário" conseguem um grande triunfo**

Terminou finalmente a luta travada desde 1919 na Voz do Operário tendente à generalização do direito de votar e ser votado, a todos os sócios desta colectividade.

Mercê da ponderação de todos os que fôram para a última assembleia, tanto os sócios efectivos, como os auxiliares, esta questão, que ameaçava eternizar-se devido à teimosia dos que se tem provado não possuirem a mais rudimentar visão das coisas, pôde chegar a um acordo, em que transigiram se fizeram nos dois campos, votando-se o parecer da respectiva comissão, nomeada penultima assembleia, concedendo-se a igualdade de direitos a todos os sócios que completaram 15 anos de inscritos no registo social.

Esta grande luta, que fez causar sérias apreensões a todos os que a seguiram com interesse, tinha nos últimos meses tomado um incremento enorme, devidos a factos tornados públicos por meio do relatório da Comissão de Sindicância nomeada pelo sr. Lima Duque, quando ministro do Trabalho e que a isso se viu obrigado em consequência da campanha feita neste jornal. Por vezes, violentos choques sem deram nas assembleias gerais sem que se notasse a impossibilidade de se sair do campo de intransigências em que antagonistas se colocaram os sócios que nesta luta tão combativa se distinguiram viram por vezes o desânimo em sua volta, a morte alguns a ceifaram e, a-pesar-de alguns interesses, que desta campanha fizeram muleta para melhor aconchegarem o seu insaciável estômago, terem desertado a pleide de lutadores seguiu sempre avante com uma fé firme não esmorecendo nem cansando, antes cada vez com mais energia e maior ardor, até que justiça foi feita!

Os sócios efectivos, não dando o voto livre como os auxiliares queriam, mas aceitando que isso se concedesse ao fim de 15 anos, transigiram não pouco; por seu turno os sócios auxiliares aceitando esse espaço de tempo grande, também não pouco transigiram, e assim se alcançou a fórmula de "nem vencidos nem vencedores".

Insuspeitos somos porque bem avaros fomos sido em elogios aos membros do executivo, mas a nossa consciência diz-nos que acertadamente andou o ministro do Trabalho, em solucionar esta questão, que parecia eternizar-se sem vantagem alguma para os altos interesses da colectividade.

Prefereimos que a isso não se tivesse que recorrer, mas a verdade é que a cegueira de alguns que queriam fazer da "Voz" uma feitoria empurrou a questão para este campo, que, por assim dizer já conhecida a fundo o "gachis" em que todos estavam metidos, em consequência do desenvolvido relatório da comissão sindicante.

Resta, agora, que a "Voz" arrepie caminho e que sem se desviar da sua missão, cega a todas as escolas políticas ou filosóficas que dela devem ser por completo afastadas, siga e complete a sua grande e nobilíssima missão que tem tanto de simpática como de grandiosa: a instrução dos filhos do povo.

Por último devemos dizer que, contra o que era de esperar houve na assembleia uma nota triste e revoltante dada pelo aspirante sob o rúculo D. Xamuel que por alguém bem conhecido pelas suas avariedades opiniões fôra encarregado de desempenhar um ridículo e repelente frete, com a apresentação dumha proposta ou moção tendente a estabelecer e arrancar uma discussão que outro dia não tinha senão o de fazer malograr o trabalho que por indicação do ministro do Trabalho a comissão nomeada por assembleia tinha apresentado.

Esse documento, que a certa altura da sessão ele apresentou, compunha-se de cinco linguados de papel com 7 ou 8 concílios, confundindo e baralhando o assunto em discussão, e cujo fim a assembleia muito bem compreendeu reprobando-o no meio dos maiores protestos e revolta, tendo o destino que lógicamente se lhe podia dar..., o que obrigou o rúculo mandão a retirar-se da assembleia acompanhado dos seus dois acólitos que mostraram ser pessoas accessíveis a actos daquela natureza, convindo acrescentar que uma dessas criaturas também é membro demissionário da comissão administrativa da qual se demitiu depois de ter bem vinculado o seu espírito autoritário em determinado assunto...

Como se vê a assembleia da "Voz" resgatou nessa sessão aquela falta de ponderação que tão acostumados estávamos a presenciar nas sessões atrasadas, e D. Xamuel deve, e mais, os seus companheiros, estar a estas horas bem arrependido da tristíssima figura a que o arrastaram, e convencido que poucas vezes uma assembleia se mostra tão ciosa e consciente das suas prerrogativas e independência como aquela a que nos estamos referindo, não sendo já agora possível que cometá novamente a proeza de, completamente embriagado, depois de já demissionário, entrar no gabinete da comissão administrativa e provocar o presidente da mesma isto sem ao menos ver que na ocasião se encontrava, no mesmo, dois hóspedes, sócios auxiliares, que ali se encontravam colaborando nos trabalhos. Foi o canto do cisne...

Oxalá não mais tenhamos que nos referirmos à "Voz do Operário" a não ser para noticiarmos o seu progresso e desenvolvimento que é o que desejamos.

Um comunicado

A comissão administrativa da Sociedade A Voz do Operário resolveu enviar para todos os sócios o cartão de identidade, do qual necessitam todos que desejem tomar parte nas suas assembleias gerais, e que provavelmente vai ser obrigatório em todos os actos sociais.

O cartão pode ser requisitado na sede social, devendo o sócio que o requisitar apresentar o estatuto, a última cota paga, a sua fotografia e \$100, importância do cartão.

A comissão administrativa participa que a matrícula para as aulas nocturnas de português, francês, aritmética e contabilidade comercial continua permanente.

Melecanos em madeira

A secção profissional dos melecanos em madeira convoca os camaradas que tenham em seu poder bilhetes ou dinheiro da festa pró-melecanos em madeira a comparecerem na sexta-feira na sede daquela secção a fim de prestarem contas.

A CURA DAS DOENÇAS PELO PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço \$2000; pelo correio, \$250. Pedidos à administração de A Batalha,

TEATRO SÃO CARLOS

Hoje e todas as noites

O PRÍNCIPE JOÃO

A admirável p.ça que está obtendo um autêntico êxito

Nos principais papéis os artistas

LUCILIA SIMÕES

SAMUEL DINIS

EM CASCAIS

A odisseia de duas raparigas de côr a quem uma família "ilustrada" inflingiu um bárbaro tratamento

CASCAIS, 15.—Vieram contar-nos um caso que revolta os corações mais insensíveis à dor, passado nesti vila em casa do dr. Hugo Owen Pinto, morador na Praia da Conceição, 5.

Levados à presença das vítimas, que são 3 raparigas, de côr que se encontram reclusas em casa dumha pobre mulher, consegue assim a narrativa da sua triste odiseia.

Encontra-se em São Vicente de Cabo Verde, como capitão do Pórtio, o sr. Henrique Owen Pinto, que a pedido de seu irmão Hugo, enviou para sua casa em Cascais como criadas, três menores que por lá arranjou. As pequenas, que fôram embarcadas ao que parece sem bilhete de passagem, chegaram a esta vila há três meses, data em que começou o seu sofrer. Manifestaram por várias vezes à esposa do sr. Hugo, a vontade de saberem qual era o seu ordenado, mas esta senhora, que não tem nenhuma noção de humildade, respondendo sempre desabridamente, e com ameaças, as que as pobres raparigas se humilhavam. Convém citar que esta senhora julgava que as servitais que seu preso cunhadão lhe enviara de África traziam tanga, e por isso, já previamente lhes tinha arranjado três vestidos de chita a laia de fardamento e que teve o cuidado de lhes descontar os ordenados, que eram os seguintes: a de 19 anos, 50 escudos por mês; a de 17, 40 escudos, e a mais nova, de 16 anos, 30 escudos. Pois não só não receberam os ordenados, como ainda a boa patroa entregou a cada uma a relação da despesa que com elas tinha feito, não se esquecendo de mencionar, a que tinha no hospital por um curativo que uma das pequeninas tinha recebido, dum ferimento que fez quando estava trabalhando.

E para demonstrar melhor a sua crudelidade, aproveitou hoje a ocasião, quando mais chovia, de as pôr na rua, sómente com as suas trouxinhas e tirando de frio, tendo então sido recolhidas em casa dumha mulher que mais não lhes pode dar, além dumecto para se abrigarem, atendendo também à sua miséria.

Este caso tornou-se logo conhecido, e já algumas pessoas se ofereceram para as receber em casas. Algumas criaturas condonaram a situação das raparigas, vão tratar do caso junto do sr. João António de Araújo, delegado do governo, que estamos certos, pedirá severas contas, ao tal sr. Hugo e sua esposa, do seu criminoso acto.

E há quem se convença de que a escravatura acabou? «Então, o que é isto?» De quem será a culpa se estas raparigas não tiverem um braço protector e se caírem na mesma desgraça em que, tantas andam pelas ruas de Lisboa? Sim, porque infelizmente é o que terá mais certo, e porque queremos colaborar com o nosso silêncio nessa monstruosa infâmia, não podiamos conter o nosso brado de revolta contra tanta torpeza. — E.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extrações sem dôr a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em "cauchu". Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1º (Chiado)

São Carlos

Hoje e todas as noites a admirável peça «O Príncipe João».

TIVOLI

TEL. N. 3471

Às 3 horas—Às 8 h. 314

A ILIADA

1.ª jornada

O rapto de Helena

Admirável realização cinematográfica do célebre poema de Homero

Círculo hípico de Portugal

Duas cintas

Na "matinée" têm entrada gratuita as crianças acompanhadas

A Iliada passa no ecrã às 9,20 h.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Darrow» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires e pelo paquete «Serra Morena» para a Madeira, Rio de Janeiro, Santos e Argentina.

Da caixa geral as últimas tiragens de correspondências são respectivamente às 11 e 12 e para as registadas recebe-se até às 9 e 10 horas.

Também pelo paquete «Providence» se expedem malas do correio para Nova York, endo a última tiragem às 9 horas.

INSTRUÇÃO

Núcleo de Instrução "Lux"

Nesta instituição está aberta a matrícula até ao próximo dia 24 para o curso nocturno da língua esperanto.

CONFERÊNCIAS**"A Arte, a Sociologia e a Revolução"**

COIMBRA, 16.—Conforme estava anunciado, realizou-se ontem, domingo, a conferência promovida pelos grupos anarquistas desta cidade: «Os Rebeldes» e «Labareda», para a qual tinha sido convidado o dr. Campos Lima.

A conferência que se subordinava ao tema «A Arte, a Sociologia e a Revolução» (uma obra de educação social), teve lugar na vasta sala do Teatro Avenida.

Pelas 14 horas, perante uma vasta assistência, quase exclusivamente composta pelo elemento académico, o nosso camarada professor Almeida Costa abre a sessão em nome dos grupos promotores da conferência.

Explõe os objectivos da conferência e faz o elogio da personalidade do conferente, como idealista, como literato e como jurista.

Tomou, em seguida, a palavra o conferente que começava por extranhar a ausência do elemento operário. Noutros tempos, diz em sessões como esta, o operariado fazia representar-se largamente. Lamenta este desinteresse, que julga ser um triste sintoma para o operariado de Coimbra.

Entrando propriamente no assunto, define a sua concepção da Arte e o valor social da Arte como elemento revolucionário, como agente de transformação da sociedade, no sentido de maior beleza e harmonia.

A função da Arte deve ser revolucionar a vida, até um maior aperfeiçoamento de todas as suas modalidades.

Refere-se a várias anomalias da sociedade presente. É preciso remodelar a sociedade, reorganizá-la em novos moldes. A Arte, principalmente a arte, literária, tem, na realização desta brillante cruzada que os revolucionários pretendem levar a cabo, uma grandiosa missão a cumprir.

Analisou as várias correntes socialistas e a fórmula que cada uma delas apresenta para a solução destas anomalias, de todas as doenças que enferma a sociedade, e da crise que faz a cada uma delas, conclui por nos apresentar a fórmula comunista-anarquista, como a única eficaz.

Alude à Revolução, que afirmainevelável. Para que ela seja menos áspera e mais suave, a Arte tem um grande papel a realizar.

E termina a sua conferência, descrevendo os objectivos das Edições Spartacus, que dirige, e analisando detalhadamente, de per si, as obras que a constituem.

A conferência agradou bastante à assistência, que aplaudiu calorosamente o dr. Campos Lima.

Os grupos «Os Rebeldes» e «Labareda», animados com o êxito desta conferência, vai promover dentro em breve outra, com idênticos fins.—C.

APOLÔ

A notável artista Adelina Abrantes vai reaparecer no palco deste teatro em breves dias, nas peças «Papá Lebonnárd» e «Taberna», de Zola.

ACREDITA:

A fracaça geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só é devido a um imenso padroado

A **NUCLEO CALCINA**

TÓNICO ENÉRGICO E SCIENTÍFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros

m 3

Superior a todas as sanitárias nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA FARINHA FORMOSA

Praca dos Restauradores, 18 LISBOA

Todo o operário tem o dever de possuir este lixo

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouche-Trajano de Enfilo Costa.—Lixo premiado em concursos na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e jovens devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço \$500, pelo cor. \$530.

À venda nas livrarias. Peças à hora Renascença, de J. Cardoso, r. Poiares de S. Bento, 27-29—Lisboa

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

MARCO POSTAL

Relíquias.—M. Marques.—Recebemos o postal, demos baixa das importâncias enviadas.

Pançais.—J. A. Chaparro.—Ficou pago até 30 de Novembro.

Sabóia.—F. L. Rodrigues.—Não recebemos a carta que diz ter enviado em Outubro.

Pôrto.—U. S. O.—Esperamos que não demoreis a lista dos sindicatos daí, a fim de ser publicada no almanaque.

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE NOVEMBRO

	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 7,23
S.	13	20	27	Desaparece às 17,21
S.	14	21	28	FASES DA LUA
D.	15	22	29	RUA GARRETT, 74, 1º TELESCONE C. 4186
S.	16	23	30	Doenças venéreas
T.	17	24	31	Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

MARES DE HOJE

Praiamar às 4,39 e às 5,00

Paixamar às 10,09 e às 10,30

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9500	
Madrid cheque	280	
Paris, cheque...	79	
Suica	379	
Bruxelas cheque	89	
New-York	1950	
Amsterdam	791	
Itália, cheque...	79	
Brasil	295	
Praga	59	
Suecia, cheque	520	
Austria, cheque	277	
Berlim, "	456	

ESPECTÁCULOS**TEATROS**

São Carlos.—A's 21,30—«O Príncipe João», Hacimol.—As 21—«Mirage». Politeama.—A's 21,30—«Raparigas de hoje». Spolo.—A's 21,15—O Salimbanco. Jimadiso—Não há espetáculo. Trindade.—A's 21,30—«Madame Pompadour». Teo Luis.—A's 21—«A Montaria e La Goya». Mendes.—A's 21,15—O Pão de Ló. Eden.—A's 21,15—«No país de tirismo». M. R. Vitoria.—A's 20,21,22,23—«Rataplana». Coliseu.—A's 21—Companhia de circo. A's 15—Matiné.

Salão Vós—Animatógrafo e Variedades.

El. Vicente (à Graça)—A's 20—Animatógrafo.

Litroca Fúrcel—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terraço—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

So a grande falta de propaganda, só dão lugar a que ainda hoje se conseguem em Portugal limas estrangeiras, visto que as nacionais, mesmo a preços de Limas registadas União Tome Petera, Ltda., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo! Experimentais, poss. nossas limas que são vendidas em todos os bons estabelecimentos de ferragem da paisa.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartilhos, livros de escrituração, mapas de escrituração, mapas de desenho de cotas e de matrículas para Silváncias, Cooperativas, Comunas, Juvenientes, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre os preços mais baixos do mercado, os grandes artigos da casa de feira, «OS MISÉRIOS», ilustrada por assinaturas, tomos e encadernada com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acrescentando-se ao pote o embalamento para a província.

Severos novos artigos e novidades.

Joaquim Cardoso

Rua dos Poais de São Brás, 27 e 29 LISBOA

ACABA DE APARECER

O Estado e a Revolução
Por N. LENINE

Mistério, Sociologia e Crítica, 1 vol. br. 4.500. Peso: 2.200 gr. Preço: 1.500.—

Porto do Povo dos Negros, n.º 70, LISBOA.

ASSINEM Os mistérios do Povo

O bispo Cauchon.—Joana, esse arrebatamento... agravou singularmente a vossa posição.

Joana Darc.—Escutai, sacerdotes de Cristo; escutai, senhores da Igreja: vós queréis a minha morte; se para me fazer morrer me têm de ser tirados os fatos, não vos peço senão uma camisa de mulher para ir ao suplício da fogueira...

O bispo Cauchon (surpreendido):—Vós pretendéis usar fatos de homem por ordem de Deus; porque motivo pedis uma camisa de mulher para ir ao suplício? E' uma singular inconsequência!

Joana Darc.—Sim! porque é mais compida!

Estes monstros de sotaina, que haviam destinado, a coberto pelas leis da Igreja, inflingir tôdas as dôres à heroína, desde a tortura até à fogueira, estremeciam ouvindo aquela infeliz criança de 19 anos, ameaçada da mais cruel das mortes pedir apenas, como graça suprema, uma camisa de mulher para ir morrer, e isto porque era mais comprida e resguardava melhor o corpo da vítima dos olhares licenciosos da turba!

Caem as lágrimas dos olhos, ô filhos de Joel! ao ouvir as verdadeiras palavras da heroína plebeia, a que respondeu a voz sinistra do bispo, dizendo:

—Vamos reunir-nos na sala próxima para deliberar sobre a urgência de aplicar a tortura!

E saíram deixando a vítima só.

Reúnido o tribunal eclesiástico numa sala baixa de abobada, lendo os escrivães o interrogatório aos juizes que a ela não assistiram, foi proposta pelo bispo a urgência da tortura assinando a maioria contra ela, não por compaixão, mas por a julgarem inútil para a condenação, visto as terminantes respostas da acusada, e pelo receio de que não podendo a débil saúde de Joana resistir aos sofrimentos, se privasse do prazer apurado do suplício. O bispo mostrou-se descontente desta mansidão evangélica dos juizes, e disse que, visto não ter aceite a maioria—este tão salutar meio de obter sinceras confissões, requeria a presença da acusada para lhe serem lidos os capítulos de acusação pelo cónego capitular de Ruão, frei Mauricio

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%!

NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora
Sapatos em verniz
Sapatos com grande saldo
Etoas brancas (salido)
Grande saldo de botas pretas
Botas de cor para homem.

Não confundir a **SOCIAL OPERARIA** com outra casa.
Ver bem, pois só encontra bom e barato.

A Social Operária e na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 63.

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

11 18 25 HOJE O SOL
12 19 26 Aparece às 7,23
13 20 27 Desaparece às 17,21
14 21 28 FASES DA LUA
15 22 29 RUA GARRETT, 74, 1º
16 23 30 L.C. dia 30 ás 8,11
17 24 31 O.M. 8,15-13
18 25 30 L.N. 8,15-6,58
19 26 31 Q.C. 8,15-2,00

A BATALHA

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALARIOS

A GREVE DOS OPERÁRIOS DO MOBILIÁRIO TERMINA VITORIOSA ENQUANTO A DOS CORTICEIROS PROSSEGUE COM ENTUSIASMO

A greve dos corticeiros, cheia de altivés e abnegação, parece ir entrar numa nova fase. Os industriais, entre os quais há gente culta, natural é que, conseguidas as melhorias tarifárias que pretendiam, se dispõem a, muito sensatamente, darem ouvidos à razão que está do lado dos grevistas. Essa sua atitude, a verificar-se, teria o condão de evitar dois males: um, a série de prejuízos materiais e morais que resultariam da distinção da luta; outro, o maior e mais terrível, a possível luta fratricida entre os que lutam por mais pão e vêm a sua acção estorvada por camaradas seus que menosprezam a solidariedade que nestes casos deve manifestar-se entre os trabalhadores.

Mal irão os industriais em protelar a mais razoável solução deste conflito, e pessimo será o procedimento daqueles que, por uma vingança mesquinha, acirram um conflito que, a produzir-se, lamentavelmente lhes acarretará grande soma de responsabilidades.

Os corticeiros, têm nesta luta uma razão indiscutível e um indiscutível direito à solidariedade das classes de transportes. A provar que bem a merecem há o facto de, ainda há poucos meses, quando dumha greve das classes marítimas, eles terem prestado a essas classes uma tão ampla solidariedade que, em Sines, tiveram os corticeiros a seguir à greve dos marítimos a vingança dos seus industriais que lhe fecharam as fábricas e fizeram perseguições e despedimentos. E' justo salientarmos que os marítimos de Sines agora estão solidários; mas os corticeiros em geral eram bem dignos dumha justa compensação.

Oxalá que àmanhã, nestas colunas, não tenhamos que exprobar ácemente os responsáveis de negras previsões que nos dominam o espírito.

A Federação Corticeira vem de lançar à classe e ao público um manifesto de que damos os seguintes períodos:

O preço dos gêneros subiram, a crise de trabalho continua no mesmo pé e os nossos salários foram diminuídos, de modo que aumentou o nosso sacrifício em proveito exclusivo dos industriais!

Nestas circunstâncias e porque o custo da vida se está agravando dia para dia, poderia a classe assistir impassível a semelhante situação?

Pois não viria a baixa de salários colocar ainda mais na miséria aquela em que já vive? Não podia certamente.

E como uma afronta lançada à justiça da nossa causa, prometem os industriais adiar a sua pretensão, se conseguirem a redução das tarifas dos transportes, como se a nossa situação económica pudesse estar à mercê de semelhante subfúrgio, como se a razão de que estamos possuídos, não galgue por cima de tal farcada.

A juntar-se a esta tracância, temos o governo, que lhes tem dispensado força armada, colaborando na causa desumana que diríam contra nós, que estamos cheios de justiça.

"Ora, se nos fossem retirados dez por cento do que ganhamos, juntos a igual quantia que já nos foi cerceada, adicionando-lhes quinze por cento que os gêneros indispensáveis à vida subiram, concluiremos que os nossos salários sofreriam uma baixa de trinta e cinco por cento!"

"Não reclamamos, neste momento, mais salário, como seria lógico: exigimos que nos não sejam usurpados os que temos.

Por este princípio nos conservamos em Gréve Geral, com a plena certeza de que havemos de vencer, embora que os magnates da indústria tecem quantas meadas julgues convenientes para nos subjugar.

Na intensidade de vibração igual à do primeiro dia em que iniciámos o movimento, nos devemos manter, até que se consiga voltar ao trabalho com a garantia dos salários actuais!"

Nota do Comité da greve

Camaradas: Persistem os industriais corticeiros em não ceder à justiça que nos assiste nesta luta em que estamos emprenhados.

A sua resistência é tanto mais injusta quanto é certo ter a indústria neste momento condições para sermos atendidos. Julgam talvez esses senhores, que nos devem tudo o que possuem, que a miséria que já nos assola nos conduzirá às fábricas vencidas e manietadas?

Não! Os corticeiros, muito embora lutando com a fome, não persistirão na luta até que lhe seja garantido o direito de manter os seus lares, ainda que para isso tenham de recorrer a uma soma maior de sacrifícios e a novos processos de resistência.

Camarada: A caminho de um mês de luta, há que redobrarmos de energia. Neste momento, o vosso comité cumpre um dever saudando todas as classes de transportes que, prezando muito a sua autonomia, nos prestam toda a solidariedade. Bem hajam eles que, saltando por cima dos dirigentes que fazem o jôgo descarado dos industriais nossos verdugos, cumprem o consciente dever de camaradas, irmãos na grande luta contra o capitalismo.

Aquelas que por aberração nos ofereceram solidariedade condicional apresentamos a nossa repulsa e daí afirmamos, neste momento solene, em que o nosso pão resiste:

Não consideramos a massa, tão indignamente dirigida, culpada dos erros dos seus mentores. Amanhã, num amanhã que pode não vir longe, quando essas classes tentarem a defender o pão dos seus filhos, podem contar com os corticeiros, porque todos abremos amparar os ressentimentos e, omo sempre, prestarmos-lhe todo o auxílio de que careçam.

O Comité

Em Belém

Que não batam as palmas os nossos patrões, com o auxílio inesperado dos que se prestam a ajudá-los nos embarques de cortiça. Os corticeiros saberão não empunhar as ferramentas, enquanto não vencermos a justa causa.

Corticeiros: corações ao alto! Para os nossos camaradas transviados a máxima seriedade, para os nossos industriais o braço de: Viva a Greve!

Em Vendas Novas

Continua sem defecções a greve geral corticeira nesta vila. Todos estão dispostos a todos os sacrifícios para que lhe não baixem os salários, pois que acham injustíssimas as pretensões dos industriais.

Em Silves

A pesar da miséria já se fazer sentir, os operários conservam a sua disposição primitiva, isto é, ir até ao fim custe o que custar.

Mais baixa de salários, isso não, todos o afirmam.

Em Alhos Vedros

Segue indefectivel o movimento nesta localidade. A 19 dias de luta, a moral dos grevistas mostra-se inquebrantável, pois só retornarão o trabalho quando o comité da greve o determine.

Em São Tiago do Cacém

Os grevistas daqui conservam-se unidos como no primeiro dia, não se notando desfalcamentos, todos dispostos a só retornarem o trabalho quando a sua Federação o indicar.

Federação Corticeira Nacional

Reúne hoje o conselho Federal, pelas 12 horas, para apreciar um assunto importantíssimo.

E' indispensável a comparação de todos os desgostos.

A "socializada" Fábrica Nacional de Vidros de Marinha Grande pretende reduzir 20% nos salários do seu pessoal

MARINHA GRANDE, 17. — A Fábrica Nacional de Vidros a que «A Batalha» se tem referido mais duma vez, volta novamente à baila, porque se pretende prejudicar os seus empregados. Desta feita nem todos os empregados sofrerão a ratura, razão, porque estes comentários irão sacudir do seu quietismo, aqueles que estão disfrazados da beleza daquela "socialização".

Vamos por partes: Como todos os estabelecimentos burgueses, a Fábrica Nacional tem os seus empregados divididos por categorias—menores e maiores.

Os maiores, conseguem sempre o que desejam; os menores lutam constantemente, sem nunca conseguirem auferir metade dos que reclamam.

Os empregados desta Fábrica, além de estarem constantemente em crise, têm a agravante do controle de maneira que saem sempre comidos. Nunca participam dos lucros, não acontecendo o mesmo com os prejuízos.

Há empregados—dos menores—a quem a Fábrica deve um bom par de semanas de salário, no valor de centenas de escudos. Não obstante, os xefes agora veem exigir mais sacrifícios àqueles que tanto têm feito e estão fazendo.

Os que mandam naquele estabelecimento não querem desconsiderar os senhores da Associação Industrial e como estão especulando com os salários, acham asado o momento, para recompensarem tanto sacrifício e tanta abnegação.

O facto é que a Nacional tem um funcionamento tão complicado, tem uma tal confusão de engrenagens, que para se desmontar a maior parte das ressentes tem imediatamente.

Diz-se lá no quartel general da governança autoritária — que a baixa de salários, em 20%, tem por fim criar condições de vida à Fábrica.

Despedem-se alguns menores, os outros passam a ganhar menos 20%, e os grandes, os comilões, os que não fazem nada continuam do palanque a gozarem o sofrimento dos outros.

E' crível que os operários da Nacional não aceitem tão infame resolução, porque não se comprehende que uma Fábrica, que exige dos seus empregados tão grandes sacrifícios, continue a ter em seu seio homens que nada fazem!

Não é digna de sacrifícios uma fábrica que tem um tesoureiro e fiscais que nada fazem.

Pretende-se comprimir as despesas, para que o produto seja mais acessível, e despedem-se por tal alguns empregados que estão fora das graças dos senhores, mas nem mesmo assim se vai cobrir a tremenda disparidade que existe entre os benquistas, e os tais desprotegidos.

Continua a Fábrica a dar salários a homens que nada fazem, pois alguns há que saem à hora da tarde, para lecionarem na Escola Industrial.

Amanhã a Fábrica não se aguenta no balanço e depois diz-se que fôrão os operários os principais causadores da sua queda.

Que os operários evitem este facto é o que desejamos.

Os operários não devem consentir uma baixa de 20%, nem tampouco que se continuem a dar salários mais ou menos chorudos. — E

Chacineiras de Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 18. — Importunáveis, animadas da mesma fé e entusiasmo do primeiro dia, as chacineiras de Aldeagalega continuam mantendo o seu belo movimento de resistência, a pesar de já ir a caminho de dois meses que se encontram em luta.

Os industriais não se dignam ter ao menos a delicadeza de responder às comunicações que as grevistas, por intermédio do seu sindicato, lhes têm enviado.

Não importa. Elas conhecem-nos já a maravilha, sabem muito bem com quem tratam e também não se preocupam, confiando inteiramente na força que lhes advém da sua estreita solidariedade.

Reúnidas em sessão permanente, as valentes mulheres apreciam dia a dia as evoluções dos industriais, constatando que eles pretendem apenas ganhar tempo, fazê-las desesperar ou enfraquecer, valendo-se da circunstância de o trabalho das matanças só se intensificar no princípio do ano.

Em Odemira

A greve, nesta localidade, mantém-se a pesar de já haver alguns (poucos) traidores, que se prestaram a fazer o carregamento de cortiça para o industrial Santos & Neves.

A pesar disto a luta prosseguirá até afinal, e então se publicarão os nomes desses malfeitos que se prestaram ao repugnante papel de fúrtes.

Em Aldeagalega

Mantém-se a greve nesta localidade, a pesar dos desreguladores de mar e terra continuarem a fazer cargas e descargas.

Os operários estão na disposição de só retomarem o trabalho quando sejam garantidos os salários que auferiam antes da greve.

Terminou a greve dos operários do mobiliário com absoluta vitória.

AS GREVES

Os tanoeiros do Porto e Gaia dirigem-se ao público explicando as causas da greve

VILA NOVA DE GAIA, 17. — Foi hoje distribuído nesta vila um vibrante manifesto que o comité dirigente da greve dos operários tanoeiros do Porto e Gaia editou para explicar ao público as causas da greve. Por ser muito edificante esse documento extraímos dele as principais passagens que vão lér-se:

Portugal foi assaltado por um bando de abutres que se esforça por arrancar a pele—depois de ter já sugado o sangue—aos que labutavam, continuamente, são o produto da sua riqueza, do seu desenvolvimento, e portanto, da sua independência.

Esses bando de abutres são os exportadores ingleses que, à viva força, mesmo servindo-se das maiores infâmias, pretendem reduzir uma legião enorme de honestos operários tanoeiros e serradores, a um fâmelico bando de maltralhões sem consciência, nem vontade próprias. Eles pretendem reduzir a indústria vinícola Portuguesa a um montão de seres amorfos que automaticamente cumpram todas as suas draconianas imposições. Que lhes importa as leis e os legítimos direitos dos trabalhadores portugueses?

Por seu turno este verificou que sem o apoio do seu Sindicato nada teriam conseguido.

Terminou com vitória a greve dos mobiliários da casa Diamantino & Branco

Após 2 semanas e meia de luta terminou, com vitória completa, a greve dos operários destas casas.

Se bem que um pouco tarde reconheceram aqueles senhores a justiça que assistia ao seu pessoal.

Por seu turno este verificou que sem o apoio do seu Sindicato nada teriam conseguido.

Ultimamente, foi pelo governo nomeada uma comissão para rever as leis da cascara; essa comissão era composta de 2 exportadores, 2 industriais e 2 operários.

Os exportadores fizeram uma infame e criminosa guerra contra a nossa antiga reclamação, o que não obteve, todavia, a mesma resultado.

Assembleia geral desta classe em assembleia geral para apreciar as tentativas de redução de salário por parte de alguns industriais e especialmente dos chamados obreiros.

Vários membros da classe se ocuparam desta magna e melindrosa questão, constatando que duas são as causas que contribuem para aqueles industriais conseguirem os seus desejos: a crise aguda que afflige todas as classes e a concorrência de calçado importado do norte, em virtude, em grande parte, dos inferiores salários que os operários daquela região auferem.

A comissão de estudo e accão sobre a crise apresentou um extenso relatório sobre os trabalhos que realizou sobre esta questão.

Sobre o mesmo pronunciou-se largamente a assembleia, sendo aceites aviltres vários entre os quais a organização do comité de resistência, o que não obteve, todavia, a mesma resultado.

Apesar da comissão ter terminado o seu mandato em 21 de Outubro, até hoje, o governo ainda não deu acordo de si, estando por este facto mais de 25.000 seres humanos a morrer lentamente de fome, por falta de trabalho!

Que importa ao governo que morram de fome essas 25.000 criaturas? Nadaf o que é preciso é estas boas graças do governo inglês.

Que vale o sacrifício de vinte e cinco mil portugueses em troca das boas graças de um senhor inglês? Nada, não vale nada, dizem os governantes desta infeliz república.

• • • • •

Pois bem: Os governantes não reagem contra a maior de todas as afrontas do governo inglês; submetem-se, como fizeram a casas, às suas ordens, que são sempre atentatórias dos interesses e da soberania de Portugal; portanto, tinhamos nós que reagir. Declaramos a greve contra a infame "torna-viagem" no dia 7 de Outubro. Suspenderemo-la para dar liberdade de accão à comissão em 12 de mesmo mês; verificado depois o que se passava, viemos novamente para a luta em 22 e na luta nos encontramo-nos.

Os nossos lares estão famintos; os nossos filhos, as crianças que nada percebem ainda do mundo—estão já passando negra fome, nossas esposas estão-se tuberculizando.

• • • • •

Que todos fiquem sabendo que apenas reclamamos isto:

Que a "torna-viagem" venha abatida para termos trabalho.

Homens de coração vindos em nosso auxílio, gritando:

Abaixo a infame cascara de "torna-viagem"!

Viva a greve!

Para hoje está anunciado um comício dos grevistas, o qual terá lugar no Teatro Cinema-Parque Avenida. Deverão usar da palavra delegados de vários organismos operários, entre eles à C. G. T.

Do que se passar informarei. — C.

O conflito do jornal «A Época»

Continua latente este conflito, apesar dos prejuízos que vem acarretando para a empresa, que bem se tem esforçado por compreender o quadro «amarelado».

Os imbecis que ali permanecem tra